

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Iba Mendes  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Manuel de Santa Maria

## *Descrição da Ilha de Itaparica*

---

Publicado originalmente em 1769.

**Frei Manuel de Santa Maria Itaparica  
(1704 – 1768)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 301**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor Manuel de Santa Maria: “*Descrição da Ilha de Itaparica*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Nascido na vila de Itaparica da província da Bahia, no ano de 1704, faleceu, segundo cálculo, depois de 1768. Professou no convento de Iguaçu da ordem seráfica de S. Francisco, com 16 anos de idade. A 2 de julho de 1720, fez nessa ordem todos os seus estudos e exerceu o ministério da prédica, segundo se exprimiu Jaboatão no seu *Orbe seráfico*, “ajustado ás regras da arte e leis do Evangelho”.

Foi destro cultivador das flores do Parnaso, diz ainda este autor, e “dos frutos de seu trabalho se poderiam ter colhido alguns volumes si assim como se acham por particulares mãos se ajuntassem em um corpo”. De suas obras se conhecem:

*Eustáquidos*: poema sacro tragicômico em que se contém a vida de Santo Eustáquio, mártir, chamado antes Plácido, e de sua mulher e filhos, por um anônimo, natural da ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia; dado à luz por um devoto do mesmo Santo. Este poema foi atribuído, como o supôs a princípio o Visconde de Porto Seguro e com ele J. M. da Costa e Silva, ao padre Francisco de Souza, de quem fiz menção neste livro. Com a publicação, porém, da parte segunda do *Orbe seráfico* ficou demonstrado quem era seu autor. É um livro de grande mérito na opinião de homens ilustres que o leram, e consta de seis cantos em oitava rima, dos quais foram alguns trechos reproduzidos no *Florilégio da poesia brasileira*, que aquele Visconde diz ser o *Eustáquidos* do padre Francisco de Souza; mas logo na introdução, escrita e impressa depois, declara ele ter certeza de que seu verdadeiro autor era frei Santa Maria Itaparica;

*Descrição da ilha de Itaparica*: conto heróico, extraído do poema sacro Eustáquidos;

*Epigrama latino* à morte do fidelíssimo rei D. João V;

*Canção fúnebre* à morte d'el-rei D. João V;

*Sobre as vozes tristes dos sinos*. Ao fúnebre estrondo da artilharia.

*Á sentida morte d'el-Rei*: sonetos — Idem, três sonetos.

*Manifesto* das grandes festas que se fizeram na Capital da Paraíba aos faustíssimos casamentos dos Príncipes de Portugal e Castela.

---

### Referência Bibliográfica:

Diccionario Bibliographico Brasileiro. Typographia Nacional. Rio de Janeiro, 1883.

# CANTO HERÓICO

## I

Cantar procuro, descrever intento,  
Em um Heróico verso e sonoro,  
Aquele que me deu o nascimento,  
Pátria feliz, que tive por ditoso:  
Ao menos co'este humilde rendimento  
Quero mostrar lhe sou afetuoso,  
Porque é de ânimo vil e fementido  
O que à Pátria não é agradecido.

## II

Se nasceste no Ponto, ou Líbia ardente,  
Se no Píndaro viste a aura primeira,  
Se nos Alpes, ou Etna comburente,  
Princípio houveste na vital carreira,  
Nunca queiras, Leitor, ser delinqüente,  
Negando a tua Pátria verdadeira,  
Que assim mostras herdaste venturoso  
Ânimo heróico, peito generoso.

## III

Musa, que no florido de meus anos  
Teu furor tantas vezes me inspiraste,  
E na idade em que vêm os desenganos  
Também sempre fiel me acompanhaste,  
Tu, que influxos repartes soberanos  
Desse monte Hélicon, que já pisaste,  
Agora me concede o que te peço,  
Para seguir seguro o que começo.

## IV

Em o Brasil, Província desejada  
Pelo metal luzente, que em si cria,  
Que antigamente descoberta e achada  
Foi de Cabral, que os mares discorria,  
Perto donde está hoje situada  
A opulenta e ilustríssima Bahia,  
Jaz a ilha chamada Itaparica,  
A qual no nome tem também ser rica.

V

Está posta bem defronte da Cidade,  
Só três léguas distante e os moradores  
Daquela a esta vêm com brevidade,  
Se não faltam do Zéfiro os favores;  
E ainda quando com ferocidade  
Éolo está mostrando os seus rigores,  
Para a Côrte navegam, sem que cessem,  
E parece que os ventos lhe obedecem.

VI

Por uma e outra parte rodeada  
De Netuno se vê tão arrogante,  
Que algumas vezes com porcela irada  
Enfia o melancólico semblante;  
E com a tem por sua, e tão amada,  
Por lhe pagar fiel foros de amante,  
Muitas vezes também serenamente  
Tem encostado nela o seu Tridente.

VII

Se a Deusa Citeréia conhecera  
Desta Ilha celebrada a formosura,  
Eu fico que a Netuno prometera  
O que a outros negou cruel e dura:  
Então de boa mente lhe oferecera  
Entre incêndios de fogo a neve pura,  
E se de alguma sorte a alcançara,  
Por esta a sua Chipre desprezara.

VIII

Pela costa do mar a branca areia  
É para a vista objeto delicioso,  
Onde passeia a Ninfa Galatéia  
Com acompanhamento numeroso;  
E quanto mais galante se recreia  
Com aspecto gentil, donaire airoso,  
Começa a semear das roupas belas  
Conchinhas brancas, ruivas e amarelas.

IX

Aqui se cria o peixe copioso,  
E os vastos pescadores em saveiros  
Não receando o Elemento undoso,

Neste exercício estão dias inteiros;  
E quando Áquilo e Bóreas proceloso  
Com fúria os acomete, eles ligeiros  
Colhendo as velas brancas, ou vermelhas,  
Se acomodam cos remos em parelhas.

X

Neste porém marítimo regalo  
Uns as redes estendem diligentes,  
Outros com força, indústria e intervalo  
Estão batendo as ondas transparentes:  
Outros noutro baixel sem muito abalo  
Levantam cobiçosos e contentes  
Uma rede, que chamam Zangareia,  
Para os saltantes peixes forte teia.

XI

Qual aranha sagaz e ardilosa  
Nos ares forma com sutil fio  
Um labirinto tal, que a cautelosa  
Mosca nele ficou sem alvedrio,  
E assim com esta manha industriosa  
Da mísera vem ter o senhorio,  
Tais são com esta rede os pescadores  
Para prender os mudos nadadores.

XII

Outros também por modo diferente,  
Tendo as redes lançadas em seu seio,  
Nas coroas estão postos firmemente,  
Sem que tenham o pélago receio:  
Cada qual puxa as cordas diligente,  
E os peixes vão fugindo para o meio,  
'Té que aos impulsos do robusto braço  
Vêm a colher os míseros no laço.

XIII

Nos baixos do mar outros tarrafando,  
Alerta a vista e os passos vagarosos,  
Vão uns pequenos peixes apanhando,  
Que para o gosto são deliciosos:  
Em canoas também de quando em quando  
Fisgam no anzol alguns, que por gulosos  
Ficam perdendo aqui as próprias vidas,

Sem o exemplo quererem ter de Midas.

XIV

Aqui se acha o marisco saboroso,  
Em grande cópia e de casta vária,  
Que para saciar ao apetitoso,  
Não se duvida é coisa necessária:  
Também se cria o lagostim gostoso,  
Junto co'a ostra, que por ordinária  
Não é muito estimada, porém antes  
Em tudo cede aos polvos radiantes.

XV

Os camarões não fiquem esquecidos,  
Que tendo crus a cor pouco vistosa,  
Logo vestem depois que são cozidos  
A cor do nácar, ou da Tíria rosa:  
Os c'ranguejos nos mangues escondidos  
Se mariscam sem arte industriosa,  
Búzios também se vêem, de musgos sujos,  
Cernambis, mexilhões e caramujos.

XVI

Também pertence aqui dizer ousado  
Daquele peixe, que entre a fauce escura  
O Profeta tragou Jonas sagrado,  
Fazendo-lhe no ventre a sepultura;  
Porém sendo do Altíssimo mandado,  
O tornou a lançar são sem lesura  
(Conforme nos afirma a Antigüidade)  
Em as praias de Nínive Cidade.

XVII

Monstro do mar, Gigante do profundo,  
Uma torre nas ondas soçobrada,  
Que parece em todo o âmbito rotundo  
Jamais besta tão grande foi criada:  
Os mares despedaça furibundo  
Co'a barbatana às vezes levantada,  
Cujos membros tetérrimos e broncos  
Fazem a Tétis dar gemidos roncous.

XVIII

Baleia vulgarmente lhe chamamos,



Que como só a esta Ilha se Sujeita,  
Por isso de direito a não deixamos,  
Por ser em tudo a descrição perfeita;  
E que para bem claro percebamos  
O como a pescaria dela é feita,  
Quero dar com estudo não ocioso  
Esta breve notícia ao curioso.

XIX

Tanto que chega o tempo decretado,  
Que este peixe do vento Austro é movido,  
Estando à vista de Terra já chegado,  
Cujos sinais Netuno dá ferido,  
Em um porto desta Ilha assinalado,  
E de todo o preciso prevenido,  
Estão umas lanchas leves e veleiras,  
Que fazem c'os remos mais ligeiras.

XX

Os Nautas são Etíopes robustos,  
E outros mais do sangue misturado,  
Alguns Mestiços em a cor adustos,  
Cada qual pelo esforço assinalado:  
Outro ali vai também, que sem ter sustos  
Leva o arpão da corda pendurado,  
Também um, que no ofício a Glauco ofusca,  
E para isto Brásilo se busca.

XXI

Assim partem intrépidos sulcando  
Os palácios da linda Panopéia,  
Com cuidado solícito vigiando  
Onde ressurge a sólida Baleia.  
Ó gente, que furor tão execrando  
A um perigo tal se sentençaia?  
Como, pequeno bicho, és atrevido  
Contra o monstro do mar mais destemido?

XXII

Como não temes ser despedaçado  
De um animal tão feio e tão imundo?  
Por que queres ir ser precipitado  
Nas íntimas entranhas do profundo?  
Não temes, se é que vives em pecado,

Que o Criador do Céu e deste Mundo,  
Que tem dos mares todos o governo,  
Desse lago te mande ao lago Averno?

XXIII

Lá intentaram fortes os Gigantes  
Subir soberbos ao Olimpo puro,  
Acometeram outros de ignorantes  
O Reino de Plutão horrendo e escuro;  
E se estes atrevidos e arrogantes  
O castigo tiveram grave e duro,  
Como não temes tu ser castigado  
Pelos monstros também do mar salgado?

XXIV

Mas enquanto com isto me detenho,  
O temerário risco admoestando,  
Eles de cima do ligeiro lenho  
Vão a Baleia horrível avistando:  
Pegam nos remos com forçoso empenho,  
E todos juntos com furor remando  
A seguem por detrás com tal cautela,  
Que imperceptíveis chegam junto dela.

XXV

O arpão farpado tem nas mãos suspenso  
Um, que da proa o vai arremessando,  
Todos os mais deixando o remo extenso  
Se vão na lancha súbito deitando;  
E depois que ferido o peixe imenso  
O veloz curso vai continuando,  
Surge cad'um com fúria e força tanta,  
Que como um Anteu forte se levanta.

XXVI

Corre o monstro com tal ferocidade,  
Que vai partindo o úmido Elemento,  
E lá do pego na concavidade  
Parece mostrar Tétis sentimento:  
Leva a lancha com tal velocidade,  
E com tão apressado movimento,  
Que cá de longe apenas aparece,  
Sem que em alguma parte se escondesse.

XXVII

Qual o ligeiro pássaro amarrado  
Com um fio sutil, em cuja ponta  
Vai um papel pequeno pendurado,  
Voa veloz sentindo aquela afronta,  
E apenas o papel, que vai atado,  
Se vê pela presteza, com que monta,  
Tal o peixe afrontado vai correndo  
Em seus membros atada a lancha tendo.

XXVIII

Depois que com o curso dilatado  
Algum tanto já vai desfalecendo,  
Eles então com força e com cuidado  
A corda pouco a pouco vão colhendo;  
E tanto que se sente mais chegado,  
Ainda com fúria os mares combatendo,  
Nos membros moles lhe abre uma rotura  
Um novo Aquiles c'uma lança dura.

XXIX

De golpe sai de sangue uma espadana,  
Que vai tingindo o Oceano ambiente,  
Com o qual se quebranta a fúria insana  
Daquele horrível peixe, ou besta ingente;  
E sem que pela plaga Americana  
Passado tenha de Israel a gente,  
A experiência e vista certifica  
Que é o mar vermelho o mar de Itaparica.

XXX

Aos repetidos rasgos desta lança  
A vital aura vai desamparando,  
'Té que fenece o monstro sem tardança,  
Que antes andava os mares açoitando:  
Eles puxando a corda com pujança  
O vão da lancha mais perto arrastando,  
Que se lhe fiou Cloto o longo fio,  
Agora o colhe Láquesis com brio.

XXXI

Eis agora também no mar saltando  
O que de Glauco tem a habilidade,  
Com um agudo ferro vai furando

Dos queixos a voraz monstruosidade:  
Com um cordel depois, grosso e não brando,  
Da boca cerra-lhe a concavidade,  
Que se o mar sorve no gasnate fundo  
Busca logo as entranhas do profundo.

XXXII

Tanto que a presa tem bem subjugada  
Um sinal branco lançam vitoriosos,  
E outra lancha para isto decretada  
Vem socorrer com cabos mais forçosos:  
Uma e outra se parte emparelhada,  
Indo à vela, ou c'os remos furiosos,  
E pelo mar serenas navegando  
Para terra se vão endireitando.

XXXIII

Cada um se mostra no remar constante,  
Se lhe não tem o Zéfiro assoprado,  
E com fadigas e suor bastante  
Vem a tomar o porto desjado.  
Deste em espaço não muito distante,  
Em o terreno mais acomodado  
Uma Trusátil máquina esta posta  
Só para esta função aqui deposta.

XXXIV

O pé surge da terra para fora  
Uma versátil roda sustentando,  
Em cujo âmbito longo se encoscora  
Uma amarra, que a vai arrodando:  
A esta mesma roda cá de fora  
Homens dez vezes cinco estão virando,  
E quanto mais a corda se repuxa,  
Tanto mais para a terra o peixe puxa.

XXXV

Assim com esta indústria vão fazendo  
Que se chegue ao lugar determinado,  
E as enchentes Netuno recolhendo,  
Vão subindo por um e outro lado:  
Outros em borbotão já vêm trazendo  
Facas luzidas e o braçal machado,  
E cada qual ligeiro se aparelha

Para o que seu ofício lhe aconselha.

XXXVI

Assim dispostos uns, que África cria,  
Dos membros nus, o couro denegrado,  
Os quais queimou Faeton, quando descia  
Do terrífico raio submergido,  
Com algazarra muita e gritaria,  
Fazendo os instrumentos grão ruído,  
Uns aos outros em ordem vão seguindo,  
E os adiposos lombos dividindo.

XXXVII

O povo que se ajunta é infinito,  
E ali têm muitos sua dignidade,  
Os outros vêm do Comarcão distrito,  
E despovoam parte da Cidade:  
Retumba o ar com o contínuo grito,  
Soa das penhas a concavidade,  
E entre eles todos tal furor se acende,  
Que às vezes um ao outro não se entende.

XXXVIII

Qual em Babel o povo, que atrevido  
Tentou subir ao Olimpo transparente,  
Cujo idioma próprio pervertido  
Foi uma confusão balbuciante,  
Tal nesta torre, ou monstro desmedido,  
Levanta as vozes a confusa gente,  
Que seguindo cad'um diverso dogma  
Falar parece então noutro idioma.

XXXIX

Desta maneira o peixe se reparte  
Por toda aquela cobiçosa gente,  
Cabendo a cada qual aquela parte,  
Que lhe foi consignada do regente:  
As banhas todas se depõem à parte,  
Que juntas formam um acervo ingente,  
Das quais se faz azeite em grande cópia,  
Do que esta Terra não padece inópia.

XL

Em vasos de metal largos e fundos

O estão com fortes chamas derretendo  
De uns pedaços pequenos e fecundos,  
Que o fluido licor vão escorrendo:  
São uns feios Etíopes e imundos,  
Os que estão este ofício vil fazendo,  
Cujos membros de azeite andam untados,  
Daquelas cirandagens salpicados.

XL I

Este peixe, este monstro agigantado  
Por ser tão grande tem valia tanta,  
Que o valor a que chega costumado  
Até quase mil áureos se levanta.  
Quem de ouvir tanto não sai admirado?  
Quem de um peixe tão grande não se espanta?  
Mas enquanto o Leitor fica pasmando,  
Eu vou diversas cousas relatando.

XL II

Em um extremo desta mesma Terra  
Está um forte soberbo fabricado,  
Cuja bombarda, ou máquina de guerra,  
Abala a Ilha de um e outro lado:  
Tão grande fortaleza em si encerra  
De artilharia e esforço tão sobrado,  
Que retumbando o bronze furibundo  
Faz ameaço á terra, ao mar, ao Mundo.

XL III

Não há nesta Ilha engenho fabricado  
Dos que o açúcar fazem saboroso,  
Porque um, que ainda estava levantado,  
Fez nele o seu ofício o tempo iroso:  
Outros houve também, que o duro fado  
Por terra pôs, cruel e rigoroso,  
E ainda hoje um, que foi mais soberano,  
Pendura as cinzas por painel Troiano.

XL IV

Claras as águas são e transparentes,  
Que de si manam copiosas fontes,  
Umas regam os vales adjacentes,  
Outras descendo vêm dos altos montes;  
E quando com seus raios refulgentes,

As doura Febo abrindo os Horizontes,  
Tão cristalinas são, que aqui difusa  
Parece nasce a fonte da Aretusa.

XLV

Pela relva do campo mais viçoso  
O gado junto e pingue anda pastando,  
O roubador de Europa furioso,  
E o que deu o véu de ouro em outro bando,  
O bruto de Netuno generoso  
Vai as areias soltas levantando,  
E nos bosques as leras Ateonéias  
A República trilham das Napéias.

XLVI

Aqui o campo florido se semeia  
De brancas açucenas e boninas,  
Ali no prado a rosa mais franqueia  
Olorizando as horas matutinas:  
E quando Clóris mais se galanteia,  
Dando da face exalações divinas,  
Dos ramos no regaço vai colhendo  
O Clavel e o jasmim, que está pendendo.

XLVII

As frutas se produzem copiosas,  
De várias castas e de várias cores,  
Um se estimam muito por cheirosas,  
Outras levam vantagem nos sabores:  
São tão belas, tão lindas e formosas,  
Que estão causando à vista mil amores,  
E se nos prados Flora mais blasona,  
São os pomares glória de Pomona.

XLVIII

Entre elas todas têm lugar subido  
As uvas doces, que esta Terra cria,  
De tal sorte, que em número crescido  
Participa de muitas a Bahia:  
Este fruto se gera apeteçido  
Duas vezes no ano sem profia,  
E por isso e do povo celebrado,  
E em toda a parte sempre nomeado.

XLIX

Os coqueiros compridos e vistosos  
Estão por reta série ali plantados,  
Criam cocos galhardos e formosos,  
E por maiores são mais estimados:  
Produzem-se nas praias copiosos,  
E por isso os daqui mais procurados,  
Cedem na vastidão à bananeira,  
A qual cresce e produz desta maneira.

L

De uma lança ao tamanho se levanta,  
Estúpeo e roliço o tronco tendo,  
As lisas folhas têm grandeza tanta,  
Que até mais de onze palmos vão crescendo:  
Da raiz se lhe erige nova planta,  
Que está o parto futuro prometendo,  
E assim que o fruto lhe sazona e cresce,  
Como das plantas víbora fenece.

LI

Os limões doces muito apetecidos  
Estão Virgíneas tetas imitando,  
E quando se vêem crespos e crescidos,  
Vão as mãos curiosas incitando:  
Em árvores copadas, que estendidos  
Os galhos têm, e as ramas arrastando,  
Se produzem as cidras amarelas,  
Sendo tão presumidas como belas.

LII

A laranjeira tem no fruto louro  
A imitação dos pomos de Atalanta,  
E pela cor, que em si conserva de ouro,  
Por isso estimação merece tanta:  
Abre a romã da casca o seu tesouro,  
Que do rubi a cor flamante espanta,  
E quanto mais os bagos vai fendendo,  
Tanto vai mais formosa parecendo.

LIII

Os melões excelentes e olorosos  
Fazem dos próprios ramos galaria.  
Também estende os seus muito viçosos



A pevidosa e doce melancia:  
Os figos de cor roxa graciosos  
Poucos se logram, salvo se à porfia  
Se defendem de que com os biquinhos  
Os vão picando os leves passarinhos.

LIV

No ananás se vê como formada  
Uma coroa de espinhos graciosa,  
A superfície tendo matizada  
Da cor, que Citeréia deu à rosa:  
E sustentando a c'roa levantada  
Junto co'a vestidura decorosa,  
Está mostrando tanta gravidade,  
Que as frutas lhe tributam Majestade.

LV

Também entre as mais frutas as jaqueiras  
Dão pelo tronco a jaca adocicada,  
Que vindo lá de partes estrangeiras  
Nesta Província é fruta desejada:  
Não fiquem esquecidas as mangueiras,  
Que dão a manga muito celebrada,  
Pomo não só ao gosto delicioso,  
Mas para o cheiro almíscar oloroso.

LVI

Inumeráveis são os cajúos belos,  
Que estão dando prazer por rubicundos,  
Na cor também há muitos amarelos,  
E uns e outros ao gosto são jucundos;  
E só bastava para apeteçê-los  
Serem além de doces tão fecundos,  
Que em si têm a Brasília castanha  
Mais saborosa que a que cria Espanha.

LVII

Os araçás diversos e silvestres,  
Uns são pequenos, outros são maiores:  
Oitis, cajás, pitangas, por agrestes,  
Estimadas não são dos moradores:  
Aos mar'cujás chamar quero celestes,  
Porque contêm no gosto tais primores,  
Que se os Antigos na Ásia os encontraram,

Que era o néctar de Jove imaginaram.

LVIII

Outras frutas dissera, mas agora  
Têm lugar os legumes saborosos,  
Porém por não fazer nisto demora  
Deixo esta explicação aos curiosos;  
Mas, contudo, dizer quero por ora  
Que produz esta Terra copiosos  
Mandioca, inhames, favas e carás,  
Batatas, milho, arroz e mangarás.

LIX

O arvoredado desta Ilha rica e bela  
Em circuito toda a vai ornando,  
De tal maneira, que só basta vê-la  
Quando já está alegrias convidando:  
Os passarinhos que se criam nela  
De raminho em raminho andam cantando,  
E nos bosques e brenhas não se engana  
Quem exercita o ofício de Diana.

LX

Tem duas Freguesias muito extensas,  
Das quais uma Matriz mais soberana  
Se dedica ao Redentor, que a expensas  
De seu Sangue remiu a prole humana;  
E ainda que do tempo sinta ofensas  
A devoção com ela não se engana,  
Porque tem uma Imagem milagrosa  
Da Santa Vera-Cruz para ditosa.

LXI

A Santo Amaro a outra se dedica,  
A quem venerações o povo rende,  
Sendo tão grande a Ilha Itaparica,  
Que a uma só Paróquia não se estende:  
Mas com estas Igrejas só não fica,  
Porque Capelas muitas compreende,  
E nisto mostram seus habitantes  
Como dos Santos são veneradores.

LXII

Dedica-se a primeira àquele Santo

Mártir, que em vivas chamais foi aflito,  
E ao Tirano causou terror e espanto,  
Quando por Cristo foi assado e frito.  
Também não fique fora de meu canto  
Uma, que se consagra a João bendito,  
E outra (correndo a Costa para baixo)  
Que à Senhora se dá do Bom Despacho.

LXIII

Outra a Antônio Santo e glorioso  
Tem por seu Padroeiro e Advogado,  
Está fundada num sitio delicioso,  
Quer por esta Capela é mais amado.  
Em um terreno alegre e gracioso  
Outra se fabricou de muito agrado.  
Das Mercês à Senhora verdadeira  
É desta Capelinha a Padroeira.

LXIV

Também outra se vê, que é dedicada  
À Senhora da penha milagrosa,  
A qual airoosamente situada  
Está numa planície especiosa.  
Uma também de São José chamada  
Há nesta Ilha, por certo gloriosa,  
Junta com outra de João, que sendo  
Duas, se vai de todo engrandecendo.

LXV

Até aqui, Musa; não me é permitido  
Que passe mais avante a veloz pena,  
A minha Pátria tenho definido  
Com esta descrição breve e pequena;  
E se o tê-la tão pouco engrandecido  
Não me louva, mas antes me condena,  
Não usei termos de Poeta esperto,  
Fui historiador em tudo certo.